

CRÔNICAS UNIVERSAIS NA ALEMANHA MEDIEVAL.

O ser medieval encarava a existência da humanidade como um fenômeno precário, perfeitamente delimitado. Seus relatos dessa humanidade assumem, por isso, um aspecto absoluto, revelando ascensão, ápice e declínio, ou melhor, começo e fim de sua história. Esta, aliás, não ocupava um lugar definido entre as ciências. Não pertencendo às “sete arte liberais” (ao **trivium** e ao **quadrivium**), emprestava-lhe algum valor apenas a exegese bíblica, devido aos recursos interpretativos que proporcionava. A situação peculiar dessa exegese fazia surgir obras de caráter enciclopédico, compostas de acôrdo com a cosmovisão da teologia cristã. Inicialmente é o latim o idioma em que se exprimem êsses escritos; mais tarde surgem as primeiras terminologias em alemão (Hildegard von Bingen) e depois encenam alguns espíritos privilegiados um sistemático trabalho de tradução (Albertus Magnus).

O vocabulário das “artes liberais e mecânicas”, e da linguagem jurídica, está contido em um dicionário latino, traduzido para o alemão por volta de 1010, e provavelmente originário da região de Worms. Sob o título **Summarium Heinrici** foi largamente difundido, tanto que existem 31 manuscritos diversos dêsse trabalho, baseado nas etimologias, tais como são apresentadas por Santo Isidoro. Pequeno na extensão, mas pelo sentido uma verdadeira “história da humanidade”, aparece o **Lucidarius**, redigido entre 1190 e 1195 por dois capelães de Henrique-o-Leão, e fundamentado no **Elucidarium** latino, na **Imago Mundi**, de Honorius e na **Philosophia Mundi**, de Guilherme de Conches. No primeiro capítulo é tratado o Reino de Deus-Pai (a criação, homens, animais, constelações e elementos), no segundo o Reino de Deus-Filho (a Igreja) e no terceiro o Reino do Espírito Santo (o Juízo Final). Este trabalho existe em 63 manuscritos e 85 impressões posteriores, assim como em diversas traduções.

Por volta de 1300 surgiu um volume, apresentando uma “doutrina universal”, sob o título **Mainauer Naturlehre**. O au-

tor trata dos elementos, do firmamento, da terra e seus movimentos, dos três continentes então conhecidos, e ainda na primeira parte do século XIV temos o **Buch der Natur**, de autoria do clérigo Konrad von Megenberg, de Regensburgo. Contém uma representação sistemática da História Natural em oito livros, a saber: a) O homem e sua natureza; b) O céu e os planetas; c) Os animais; d) As árvores; e) As plantas; f) As pedras; g) Os metais; h) As fontes milagrosas. Este trabalho segue muitos outros, influenciados pelo **Liber de Natura Rerum**, de Tomas Cantipratensis, por sua vez inspirado na obra de Lucécio.

Só um manuscrito se conservou de cada uma das mais afamadas enciclopédias do século XV. Um é justamente a revisão do mencionado **Liber de Natura Rerum**, realizada por Peter Königsschlager e o outro é o **Buch von der Natur und Eigenschaft der Dingk**, de Michael Baumann (1478), redigido no Convento de Bronnbach. Também este trabalho, que pode ainda ser consultado no original, já que está conservado no Arquivo Löwenstein em Wertheim, procede de escritos latinos, pois segundo a própria admissão do autor trata-se de assunto **auss fünf oder sechs lateinischen büchern gezogen**.

Todos esses volumes podem, dentro de um certo escopo, ser entendidos como tratando da história da humanidade, mas nosso propósito é relatar determinado tipo de escrito histórico bastante difundido na época e que, antes dos outros, já era redigido em idioma alemão. Referimo-nos ao que os alemães chamam de **Weltchronik** (crônica universal), expressando a visão histórica do homem medieval. Muitas vezes são essas crônicas na forma verdadeiros poemas, pertencendo tanto ao campo da literatura propriamente dita quanto ao da história (**Ez-zolied**, **Annelied**, etc.); de qualquer maneira é esta divisão nos dois gêneros muitas vezes artificial.

A intenção fundamental da historiografia medieval era determinar a **ratio temporum** na história, a ordem das coisas, tal como Deus a determinou no tempo exato. Procurava relacionar figuras e acontecimentos históricos com correspondências bíblicas, chegando a conclusões de validade permanente, e estabelecendo exemplos de cunho moral. Sob este ponto de vista não será errado afirmar que os espíritos mais destacados da Idade Média atribuíam grande valor à historiografia, opinando que os acontecimentos contemporâneos poderiam ser convenientemente interpretados apenas por quem conhecesse os ensinamentos da história. Antecipavam, de alguma maneira, aquela

sentença de Dilthey: **Was der Mensch sei, sagt ihm nur die Geschichte** (1). Possuíam “visão histórica total”, baseada na revelação da Bíblia. Daniel sonhara com quatro Reinos Universais; São Paulo indicara que apenas o Império Romano estava a impedir a chegada do Anti-Cristo e assim não se esperava, após o Império Romano, convenientemente continuado pelo Sacro Império, outro reino terrestre. A decadência e queda do Império Romano seria o fim de toda a história da humanidade.

Reconhecer as profecias bíblicas através dos acontecimentos contemporâneos ou chegar a conclusões definitivas, através da combinação de números simbólicos, não era passa-tempo ocioso ou ocupação de supersticiosos (a superstição é, aliás, característica dominante na Idade Média), mas sim tarefa relevante para os cronistas e outras autoridades na exegese bíblica, revelando sempre a visão apocalíptica do homem medieval.

Um abade cistercense calabrés, fundador da Ordem Florense (2), Joaquim de Floris (ou **de Fiore**), que nasceu em Celico por volta de 1130, estabeleceu, por exemplo, uma doutrina das “três éras” do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Fundamentou-a em um paralelismo exato entre a história bíblica do Antigo e do Novo Testamento, verificou a existência de quarenta e duas gerações em cada qual, e deduziu daí o breve início de uma terceira “éra”, a do Espírito Santo. Esta marcaria o fim da Igreja contemporânea e o princípio da época espiritual monástica, e como data provável desse acontecimento indicou o ano de 1260. Depois de sua morte esta doutrina foi condenada, mas muitos franciscanos do século XIII aceitaram sua interpretação da História, escreveram outras exposições em que seguiam essa tendência (muitas vezes atribuídas ao próprio Joaquim de Floris) e consideravam a doutrina em questão como seu “Evangelho Eterno” (3). Assim como Floris, dezenas e dezenas de clérigos estabeleceram doutrinas novas, todas elas baseadas na sua exegese da Bíblia. Em Bamberg, entre os anos de 1204 e 1205, até mesmo as letras do alfabeto foram submetidas a interpretações cuidadosas e consideradas sinais proféticos a indicar a seqüência e as particularidades dos vinte e cinco

(1). — “O que o homem é, apenas lhe revela a História”.

(2). — Esta Ordem desapareceu no século dezessets.

(3). — A respeito da *Expositio in Apocalypsiun, Psalterium decem chordarum* e outras obras de Joaquim de Floris, assim como no tocante à sua influência, cf. F. Foberti, *Gioacchino da Fiore e il gioachinismo antico e moderno*, 1942 e Herbert Grundmann, *Neue Forschungen über Joachim von Fiore*, 1950.

séculos, que medeariam entre a fundação de Roma e o fim do mundo.

A historiografia subordinava-se, portanto, sempre à convicção de que tôdas as atividades terrestres poderiam ser incluídas em um período limitado, logicamente abrangido pela visão do historiador. Assim é mesmo lícito dizer-se que a Idade Média termina no instante em que o olhar dos homens se projeta ao infinito, em que procura perscrutar o indeterminável e em que fenecem as idéias apocalípticas nas obras dos mais destacados sábios contemporâneos. Antes disto, porém, estas aparecem constantemente nos anais, nas lendas, nas crônicas urbanas e, principalmente, nas crônicas universais a que aqui nos queremos referir, tal como escritas na Alemanha de então.

Tais crônicas, de cunho cristão, relatam e examinam principalmente o passar das éras e dos reinos universais. Se é costume fazer iniciar a história alemã com o advento de Carlos Magno, então não apenas em virtude de sua importância política, mas também porque êle contribuiu grandemente para a introdução oficial da língua alemã. Em 801 decide Carlos Magno falar *theodisce* (4) em terra lombarda, e já em 786 escreveu o Bispo Wigbod ao Papa, ao relatar os processos de um sínodo realizado pelo rei Offa da Mércia, que as resoluções foram lidas *tam latine, quam theodisce, quomnes intelligere possent*. E foi nessa época carolíngia também que se principiou a sentir a necessidade de incluir a própria época na história universal. O Bispo Frechulfo de Lisieux, discípulo de Alcuíno e amigo de Hrabanus Maurus, escreveu no fim do primeiro quartel do século IX uma "história universal", desde Adão até o Papa Gregório I (590-604). O Arcebispo Ado de Vienne (falecido em 874) completou-a, descrevendo em sua "Crônica das Seis Éras Universais", a própria época em que viveu, apresentando Carlos Magno como o primeiro *imperator ex gente Francorum*. Em seguida, com a decadência e dissolução do império dos francos, as crônicas perdem popularidade e os cronistas inspiração, de maneira que apenas bem mais tarde, graças aos movimentos da reforma de Cluny e das Cruzadas, volta o interesse geral a reclamar novas crônicas universais. Atribui-se a Hermannus Contractus, um monge paralítico suábio do famoso Convento de Reichenau (Lago de Constança) uma crônica abrangendo a história universal, desde o nascimento de Cristo até os

(4). — A respeito da origem da palavra *deutsch* e da influência de Carlos Magno sobre o antigo alemão, cf. Erwin Theodor, *A Língua Alemã*, 1962.

dias do cronista que faleceu, muito moço ainda, em 1504, enriquecida depois por seu discípulo Bertoldo com a descrição do princípio das lutas pela investidura. Trata-se aqui de autores que defendem o ponto de vista do Papado, enquanto o monge Sigeberto de Gembloux, do bispado de Liège, por exemplo, redigia crônicas de cunho nitidamente imperial, oposto aos papas “gregorianos”. Sua crônica veio a exercer grande influência em Flandres, e também na Normandia, França e Inglaterra, principalmente porque se baseava em dados exatos, idéia totalmente alheia a outros cronistas, e retifica, inclusive, a data de nascimento de Jesus em vinte e dois anos.

No próprio século XI surgiram as duas crônicas poéticas atrás referidas, hoje consideradas documentos sumamente importantes da literatura alemã, o **Ezzolied** e o **Annolied**. O primeiro, proveniente de Bamberg, foi interpretado por gerações posteriores como a **Cantilena de miraculis Christi**, sendo de cunho quase exclusivamente religioso, enquanto o outro transporta as mesmas teorias ao campo da realidade histórica. Hugo Kuhn diz que assume função ambivalente, pois “para uma lenda em tórno de Anno” (Santo Anno, arcebispo de Colônia) “o poema oferece — mesmo que deixemos de lado o papel historicamente duvidoso do próprio Anno — demasiada história universal; para uma história universal, demasiada lenda em tórno de Anno (5). Foi escrito em fins do século, e as primeiras trinta e três estrofes como que apontam para Santo Anno, cujo advento é esperado. E’ interpretado como situado no ápice entre o comêço e o fim da história, idéia depois preferencialmente imitada pelas Crônicas dos Imperadores. Na estrofe XXXIV, Santo Anno aparece finalmente:

“Den vili tiurlichin man
Müge wir nu ci bispili havin,
Den als ein spiegel anesin
Die tugint unti warheiti wollen plegin.
Dü der dritte Keiser Heinrich
Demi selbin heirrin bival sich
Vnti der godis willo was irganging,
Dar her ci Kolne ward mit lobe intfangin,
Dü gieng her mit liut crefte
Alsi diu Sunni düht in den liufte
Diu in zuschin erden unti himili geit
Beiden halbin schinit;
Also gieng der bischof Anno

(5). — Hugo Kuhn, *Dichtung und Welt im Mittelalter*, 1959.

Vure Gode unti vure mannen:
In der Phelinzin sin tugint sülích was
Daz un daz rich al untersaz,
Ci Godis diensti in den gebérin
Samir ein engil weri:
Sin ere gihilter wole beidint halb,
Dannin ward her ci rehtimi hertumi gezalt” (6).

O fato disto acontecer nesta estrofe tem valor simbólico, pois o poema todo sendo construído em sete heptades (sete vezes sete estrofes), revelam as primeiras trinta o mundo antes de Cristo, de acôrdo com os trinta primeiros anos de vida particular. Os três anos da vida pública de Jesus são retratados pelas estrofes XXXI, XXXII e XXXIII, e em seguida tem início, com Santo Anno, a culminância do poema. Esta é mais uma vez simbolizada pelo conjunto das estrofes, pois a vida de Santo Anno se estende por quatro vezes quatro estrofes, até o final, que aponta o fim do nosso mundo. Trata-se, portanto, de um poema redigido de acôrdo com as preocupações típicas da crônica universal. Data da época de Henrique IV, período retratado também pela Crônica Imperial e a Canção de Rolando, seguido pela “éra dos Staufer” ou dos “Hohenstaufen”, nome da família imperial dominante de 1138 a 1254.

E’ então que começa a decair a individualidade da primitiva cronística universal alemã. Surgem os milagres legendários, pseudo-históricos e a literatura adquire aspecto eminentemente simbólico-teológico. Só em meados do século XII, ascendendo ao trono Frederico Barba-Ruiva, manifesta mais uma vez, e passageiramente, certa originalidade. De resto é lícito afirmar que apenas sob a égide do modelo francês voltam a reunir-se as forças da cronística para chegar às realizações da época áurea da Idade Média. Frutificação extraordinária proviera da obra do Bispo Otto von Freising (7), que filosoficamente interpretou o trabalho dos cronistas do século anterior, anunciando o próprio fim da história universal, em virtude da cisão entre o Império e a Igreja, pois julgava que a trilha ao Reino Divino permanecia aberta apenas a um mundo que unisse as duas forças, espiritual e temporal. Otto von Freising, neto do próprio Henrique IV, concluiu sua crônica com o prenúncio do Anti-Cristo, assim abrangendo tôda a história da humanidade, dos

(6). — Apud Martin Opitz, 1639. Edição diplomática de Walther Bulst, 1946, vv. 577 a 596.

(7). — *Chronica sive Historia de duabus civitatibus*.

princípios ao fim. Entretanto, a despeito dessa influência decisiva (8), começa a perder-se o impulso por uma concepção verdadeiramente universal da história, e os cronistas incluem agora em suas obras fábulas e historietas que, por exemplo, tornam as crônicas de Godofredo de Viterbo, preceptor de Henrique VI, antes contos destinados à distração e ao divertimento, do que relatos históricos.

No fim do Império dos Staufer e depois, na época de grande conturbação política, evidencia a historiografia traços provincianos. Surgem manuais para teólogos e juristas, e as frequentes crônicas de imperadores e papas servem como florilégio para a confecção de sermões e apresentam volumoso anedotário. Populares, mas nem sempre políticos ou históricos, serviram tais compêndios durante séculos. Eram indiscriminadamente divulgados e alterados, antes para extirpar do que para favorecer o instinto e o interesse histórico. Naturalmente existiam exceções, e Kuhn cita o exemplo do jurista Matthias von Neuenburg que, em princípios do século XVI, oferece retratos vivos e justos de Rodolfo de Habsburgo e Luís-o-Bávaro. Outra obra conhecida, entretanto não imitada convenientemente, é o **Sachsenspiegel** de Eike von Repgow, autor também da **Sächsische Weltchronik**, escritos em baixo-alemão por volta de 1230. Depois desse período, entretanto, voltou a dominar a cronística em língua latina. Autores do século XV escreviam por vezes em latim e depois produziam edições ligeiramente alteradas em alemão, assim em 1424 Dietrich Engelhus, pouco mais tarde Hermann Kerner e Andreas von Regensburg.

O humanismo, longe de alterar-lhes forma ou conteúdo, modificou somente o estilo das crônicas. Ainda Hartmann Schedel divide em 1493 a sua **História Universal** nas seis éras e até mesmo os primeiros cronistas protestantes adotaram a divisão nos quatro Reinos Universais, mantida ainda por Bosuet, em seu **Discours sur l'histoire universelle**, de 1681. Desta maneira temos de aceitar a idéia da visão apocalíptica e a divisão nas seis éras e quatro reinos como sendo comum a toda a historiografia medieval, ressaltando porém que a crônica universal se distinguiu na Alemanha Medieval principalmente entre os séculos IX e XII. A determinação geral da **ratio temporum**, oferecida de acôrdo com a tradição, e desprovida de perspectiva futura, retrata a mentalidade do ho-

(8). — Apesar disto ser oposto ao espírito do autor, foi a obra diversas vezes continuada, principalmente por Otto von St. Blasien, até a data de 1209.

mem da época. Poderia deduzir-se daí que a resignação ou mesmo o pessimismo fôsem características dessa historiografia, mas êste não é, de modo nenhum, o caráter das crônicas. A vida é geralmente afirmada, e embora os sofrimentos de Cristo e dos Santos sejam apresentados no propósito de exemplificar e advertir, são as produções dos cronistas perpassadas de espírito positivo. O homem medieval raciocinava diferentemente de nós. Seu exemplo era Cristo, que se decidira a morrer, não porque a morte lhe era imposta, pois era onipotente, não pela culpa, pois era livre de pecados, mas **ex libera voluntate, quia necessarium erit** (9). Assim aceita a mentalidade medieval (pelo menos nos primeiros séculos da época estudada) o fim da existência e do próprio mundo “por vontade própria, por ser necessário”. No momento em que tal mentalidade se desvaneceu, declarando-se a visão humana não satisfeita com os mistérios e as explicações bíblicas, mas recorrendo à razão e à pesquisa, desapareceu o espírito medieval, e das crônicas e anais passamos à historiografia tal como hoje a entendemos.

ERWIN THEODOR

Livre-docente da Cadeira de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

(9). — Apud Wolfram von de Steinen, *Der Kosmos des Mittelalters*, p. 269.